

VAI TER LITERATURA LÉSBICA, SIM!

Lucélia de Lima (UFU)¹

RESUMO: a literatura de temática lésbica ou escrita por lésbicas tem um antigo percurso, contudo, é somente após o advento dos Estudos Culturais que as pesquisas nessa esfera encontram um ambiente adequado, responsável hoje pela sua expansão. Há, entretanto, ainda muito cuidado por parte dos pesquisadores em utilizar essa terminologia. Isso se dá, talvez, pelo fato de que, ao se falar sobre a literatura lésbica, esteja-se enfrentando uma cultura de percepção do literário como universal. Mas é justamente essa perspectiva que se quer aqui contrapor: a literatura lésbica quer ser assim nomeada porque existe. O processo de nomeação é um ato de político na ocupação de um espaço público em que a palavra instaura percepções.

Palavras-chave: Literatura; Espaço público; Literatura lésbica.

O título da minha fala me assombra. Talvez porque a afirmação VAI TER LITERATURA LÉSBICA, seguida da reafirmação SIM, seja muito informal, e nesse sentido quisesse provocar uma desestabilização, na condição de palavra esquisita, como um estranho entre comuns, um “outro” entre “nós” como quis BAULMAN (1998) no Mal-Estar da Pós-Modernidade ou até como se também literatura lésbica fosse uma novidade.

Neste momento, me lembro dos versos da poetisa grega Safo (2010), que provavelmente tenha vivido na segunda metade do século VII a.C., chamada por Platão de a **décima musa**, e ao escrever *Ode a Anactória* produz um dos versos de que gosto muito:

Ode a Anactória

Dizem: O renque de carros ou de soldados
ou de navios é sobre a terra negra
a suprema beleza. Digo: é aquilo que
se ama.

Muito fácil fazer isto compreensível
a todos: - Helena, a que superou
toda beleza de humanos, ao mais nobre
marido

deixou atrás e foi a Tróia num navio.
Nem da filha nem dos pais queridos
nada se recordou, mas seduziu-a

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Contato: lima_lucelia@yahoo.com.br

Cípris.

Nas mãos de Cípris, é maleável a mente.
Eros faz nosso pensamento revirar-se
leve e faz-me lembrar agora Anactória
longe.

Quisera eu ver o encanto de seu andar
e a luz brilhante de seu rosto,
não carros da Lídia ou guerreiros
com armas. (Tradução de Jaa Torrano)

Como a Ode é produzida por uma poetisa **re**-conhecida por homens (Platão: só pra trazer um argumento sustentado pela autoridade dos que têm autoridade) como intelectual, artista, o que lhe dá algum lugar naquele mundo tão masculino, e como a Ode é dirigida a uma mulher, fico a pensar que literatura lésbica não é bem uma novidade.

Mas o título da minha fala me assombra também por parecer uma manifestação de ativismo, como se tivesse que enfrentar a pergunta feita à Professora Dr^a Tatiana Pequeno da Universidade Federal Fluminense dedicada, ao escrever sobre literatura lésbica, a ler com determinada insistência e continuidade a obra literária *Novas Cartas portuguesas* escritas por três mulheres: “mas você não acha que as *Novas cartas portuguesas* são um texto empenhado demais, o que faria com que a Literatura perdesse espaço para um ativismo exacerbado?”

Essa questão me provoca: talvez porque fosse possível pensar o lugar da literatura como um espaço do vácuo ideológico² em que indivíduos destituídos de interesses próprios, de classe econômica e social, etnia, sexualidade, religião interpelam outros sem qualquer pretensão. Talvez esse lugar pudesse ser pensado como um campo asséptico, neutro, em que naturalmente são introduzidos signos cujos sentidos têm, como diria Kant, um *desinteressado* propósito. O que me faz lembrar COMPAGNON (1999) no capítulo sobre “O Valor” em *Demônio da Teoria* a definição de clássico para Saint-Beuve:

Um verdadeiro clássico, como gostaria que o definissem, é um autor que enriqueceu o espírito humano, que realmente aumentou o seu

² “O que é a ideologia, senão precisamente a tarefa de fixar significados através do estabelecimento, por seleção e combinação, de uma cadeia de equivalências?” (HALL, 2008, 164)

tesouro, que lhe fez dar um passo a mais, que descobriu alguma verdade moral inequívoca, ou apreendeu alguma paixão eterna nesse coração, em que tudo já parecia conhecido e explorado; que manifestou seu pensamento, sua observação, ou sua invenção, não importa de que forma, mas que é uma forma ampla e grande, fina e sensata, saudável e bela em si mesma; **que falou a todos num estilo próprio, mas que é também o de todos, num estilo novo sem neologismos, novo e antigo, facilmente contemporâneo de todas as idades.** (COMPAGNON, 1999, p. 234)

A fala de Saint-Beuve também poderia ser motivo de interpelação. Alguém poderia ter-lhe perguntado se definir assim literatura na condição de crítico literário não era também fazer ativismo. Mas - brincadeira anacrônica - mesmo hoje Saint-Beuve seria lido pelo menos para grande parte da população leitora com naturalidade.

O que quero dizer com isso é que literatura e ativismo não se constituem assim uma antinomia. A literatura sempre teve lado, sempre teve cor, sempre teve sexo, sempre se posicionou. Quando interrogado sobre os livros mais importantes (clássicos) para se ler “antes de morrer” encontro, numa lista de 100, duas ou três mulheres.

Veja, COMPAGNON (1999) na mesma obra lembra que clássico na condição de adjetivo já existia no século XVII “quando qualificava o que merecia ser imitado, servir de modelo, o que tinha autoridade”. Mas também lembra que *classicus* no latim era um “epíteto de classe que identificava os cidadãos que possuíam uma certa renda e pagavam impostos, em oposição aos *proletarii* que não pagavam” (COMPAGNON, 1999, p. 235). Mas o seu posicionamento nunca precisou ser marcado, porque lido como natural, universal.

Ao falar de literatura e acrescentar o adjetivo lésbica, quer-se provocar uma mudança epistemológica que coloca a obra literária na condição de: “um indício de como vivemos, como temos vivido, como temos sido levadas a nos imaginar, como nossa linguagem tem nos aprisionado ou liberado, como cada ato de nomear tem sido, até agora, uma prerrogativa masculina e como podemos começar a enxergar e nomear – e, portanto, a viver – de uma nova maneira” (RICH, Adrienne, 2017)

Nesse sentido, seja pela autoria ou pela representação, isto é, uma literatura cuja temática é a representação da homossexualidade feminina, há necessidade de se afirmar como lésbica essa literatura que se posiciona como:

um dispositivo político em que se modulam algumas distribuições do que afeta nossos mundos sensíveis e em que aparecem constantemente

novas relações entre os corpos. Portanto, pensar a literatura acoplada ao adjetivo lésbica cria múltiplas possibilidades e recortes para um novo entendimento das suas produções em termos de representação ficcional, autoria e de fortalecimento social de um grupo. (Laura Arnés, 2016)

O que Laura Arnés quer dizer com essa afirmação é o fato de a literatura poder ser pensada como um dispositivo político, no sentido que Giorgio Agamben (2009), refletindo sobre o uso do termo em Foucault, conceituou-o na condição de conjunto diverso em que se inscreve uma relação de poder como um edifício de ideias, discursos, leis com uma função estratégica de validar o que é aceito do que não o é. Ao se inserir lésbica como parte desse conjunto heterogêneo, cria-se uma instabilidade, marcando tanto os autores quanto o próprio sistema de representação ficcional que passa a operar produzindo outros sentidos não hegemônicos, mais correlatos à experiência de mulheres que amam mulheres, o que como consequência em primeiro lugar introduz outros sentidos possíveis advindos dessas experiências para o conjunto da sociedade, mas também opera com a função de referência e constituinte da própria subjetividade lésbica produzindo uma forma de nos pensar menos estigmatizada.

Mas para tal é preciso ocupar o espaço público, o espaço comum, o espaço de todos. Na perspectiva de Hannah Arendt, esse é o lugar em que o poder só é efetivado enquanto a palavra e o ato não se divorciam. As palavras e os atos, nesse sentido, são criados para estabelecer relações políticas na perspectiva de que cada um que ocupa esse espaço aparece e expressa o poder que, de outra forma, na concepção da filósofa judia, não se materializaria.

O espaço público é, portanto, um lugar de embates, de luta. Uma luta primeira é pela própria forma como os significados são construídos a produzir configurações subjetivas que, conseqüentemente, atrelados às práticas discursivas, conformarão novos sujeitos, a quem HALL (1999) chama de “o eu das afirmativas ideológicas”, desses “sistemas de representação — compostos de conceitos, ideias, mitos ou imagens — nos quais os homens e as mulheres (acréscimo meu) vivem suas relações imaginárias com as reais condições de existência.” HALL (1999).

Nesse sentido, o “significado não é um reflexo transparente do mundo na linguagem, mas surge das diferenças entre os termos e categorias, os sistemas de referência, que classificam o mundo e fazem com que ele seja apropriado desta forma

pelo pensamento social e o senso comum.” HALL (1999, p. 177). O que se deseja a partir dessas perspectivas de estudos e produções estéticas é “procurar construir espaços mais plurais capazes de receber aquilo que se inscreve pela e/ ou na *diferença*” (PEQUENO, 2016).

Recentemente, o Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo publicou o DOSSIÊ SÁFICO, uma coletânea em que alunos e professores escrevem sobre a literatura lésbica. Entre as publicações, o artigo de Natalia Borges Polessa, autora de *Amora*, que se predispõe a mapear as autoras lésbicas ou que produziram representações lésbicas. Natália Polessa lembra que:

A temática lésbica na literatura brasileira não é exatamente uma novidade. O primeiro romance a trazer uma cena lésbica na literatura brasileira foi *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, com Pombinha e Léonie. Bem mais tarde, aparecem Lygia Fagundes Telles, Cassandra Rios, Cíntia Moscovich, Myriam Campelo, Carol Bensimon e Milly Lacombe para citar algumas, que, apesar do rarefeito protagonismo, acabam criando uma espécie de eixo do romance brasileiro no que diz respeito a afetividades lésbicas em termos de representação e/ou autoria. (POLESSO, 2018)

Os números no mapa de Natália Polessa impressionam pela baixa representatividade. Na antiguidade, como marco fundador a poeta Safo, depois, as escritoras lésbicas ou que produziram representações lésbicas já falecidas (19, sendo 1 brasileira); as escritoras lésbicas que estão vivas e produzindo (27, sendo 9 brasileiras); as escritoras que não são lésbicas autodeclaradas, mas que produziram representações de lesbianidade (3, sendo 2 brasileiras). Trata-se de uma pesquisa em andamento, mas temos uma amostra de como a literatura sobre mulheres que amam mulheres é ainda insignificante no espaço público.

Diedra Roiz é uma dessas autoras. Ela se insere no espaço público de duas formas: primeiro como autora, na condição de lésbica; depois como autora que escreve sobre representações lésbicas. Tem treze livros publicados, participou também de outros como da antologia *POESIA GAY BRASILEIRA* (2017) e das coletâneas de contos *OLHARES DIVERSOS* (2008), *LITERATUM E POETICUM* (2009) e *[IN] CONTADAS - AQUELAS QUE NÃO PODEM FALAR DIZENDO O QUE NÃO DEVE SER DITO* (2017), do qual também foi uma das organizadoras.

Ocupar o espaço público nunca foi fácil. É próprio desse espaço ouvir a voz daqueles que já são ouvidos, e colocar na vala dos ressentidos as vozes diversas que entram nesse espaço pela exclusão. Entretanto, percebo a firmeza com que a literatura lésbica vem se posicionando. É um caminho sem volta.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é dispositivo*. In: _____. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009, pp. 27-51.
- ARNÉS, Laura A. *Ficciones lesbianas: literatura y afectos em la literatura argentina*. Buenos Aires: Madresilva, 2016
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998
- BORYSOW, V., & ARNÉS, L. (2018). *Ficções lésbicas: ponto de vista e contingências*. *Revista Criação & Crítica*, (20), 169-191. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i20p169-191>
- COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999. (Humanitas)
- GAMA, M., & DELUCCA, N. (2018). *A literatura lésbica - Dossiê Sáfico*. *Revista Criação & Crítica*, (20), 1-2. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i20p1-2>
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik; Adelaine La Guardia Resende et al. (trad.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008
- MARTINS, Paulo (org.) *Antologia de Poetas Gregos e Latinos*. 2010. Acesso em 14 de setembro em: http://www.usp.br/iac/Textos/apl_2010.pdf
- PEQUENO, Tatiana. *Notícias de uma Poesia Lésbica em Língua Portuguesa* – Publicado em 13/08/2016. Acesso em 14 de Setembro em: <https://litcult.net/2016/08/13/noticias-de-uma-poesia-lesbica-em-lingua-portuguesa/>
- POLESSO, Natalia Borges. *Geografias lésbicas: literatura e gênero*. Dossiê Sáfico. *Revista Criação & Crítica*, (20), 1-2. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i20p1-2>
- RICH, Adrienne. *Quando da morte acordamos: a escrita como re-visão*. In: BRADÃO, Izabel et al(Org.). *Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)*. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017.
- RICH, Adrienne. *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*. *Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades*. Natal: v. 4, n. 5, jan./jun. 2010, p. 17-44.